

Uma Concertação pela Amazônia debate expectativas para a semana decisiva da COP 26

Em plenária, rede de lideranças pelo desenvolvimento sustentável da Amazônia destacou que a sociedade civil, incluindo empresas e governos subnacionais, já busca caminhos para implementação do acordo climático global

O tempo das negociações para definir pontos ainda pendentes do Acordo de Paris está terminando e é hora de partir para a sua implementação de fato. Essa foi uma das principais avaliações feitas pela iniciativa Uma Concertação pela Amazônia, em plenária realizada na COP 26 – 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, nesta segunda-feira, 8 de novembro.

No evento, Izabella Teixeira, ex-ministra do Meio Ambiente, fellow do Instituto Arapyáú e conselheira do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI); Ana Toni, diretora-executiva do Instituto Clima e Sociedade (ICS); e Samela Sateré Mawé, comunicadora da Articulação de Povos Indígenas do Brasil (APIB), fizeram um balanço da primeira semana da COP e projeções para os próximos dias.

Além da urgência em começar a implementar o Acordo de Paris, também foram destaque a participação da sociedade civil e o que o Brasil pode levar para a próxima COP, a 27ª, que será realizada no Egito, em 2022.

Confira abaixo os principais pontos da análise feita pelas integrantes da iniciativa Uma Concertação pela Amazônia.

Urgência na implementação

“Estamos vendo, nesta conferência, duas COPs: uma é a da negociação, e a outra é a da implementação. Nesta última, estão a sociedade civil, incluindo o setor privado, governos subnacionais, povos indígenas e tradicionais”, afirmou Ana, que ressaltou o amadurecimento e a diplomacia da sociedade civil no debate da agenda climática.

“É hora de entrar na implementação do Acordo de Paris. Não há como adiar mais”, reforçou Izabella. Essa urgência pode ser percebida, por exemplo, no setor privado, que entende que é preciso fazer a transição para a economia de baixo carbono. “Os empresários brasileiros alinhados com essa agenda contemporânea perceberam que é preciso transformar a produção brasileira, para ter sua competitividade realinhada em função do mundo de baixo carbono, que já se consolidou como realidade política e vai se consolidar como realidade social e econômica.”

A participação de representantes de governos subnacionais, como prefeitos e governadores de estado brasileiros, também chamou a atenção das integrantes da Concertação.

Os povos indígenas brasileiros, que chegaram à COP 26 com uma delegação inédita de 40 pessoas, também reforçam a urgência de ações que revertam os impactos das mudanças climáticas e do desmatamento que são sentidos em seu dia a dia.

Samela destacou que uma das principais reivindicações é de que os povos indígenas sejam considerados nas tomadas de decisões. “Estamos falando para a sociedade que precisamos ser consultados. O resultado das negociações impacta primeiramente a nós.” Ela também destacou que a delegação indígena brasileira, além de ser a maior que já houve numa COP, também traz o protagonismo das mulheres e da juventude. “A maioria das pessoas desta delegação é mulher e temos muitas lideranças jovens, que estão aqui para falar de suas vivências, denunciar e comunicar de volta para suas aldeias o que elas precisam saber”, afirmou.

As expectativas para as negociações

Para Izabella, há dois movimentos importantes para se prestar atenção nesta semana, em relação às negociações oficiais. Um é solucionar os impasses em relação ao Artigo 6º do Acordo de Paris, que trata da regulação do mercado de carbono. E o outro, que eleva a tensão entre países desenvolvidos

e países em desenvolvimento, é a questão dos recursos de US\$ 100 bilhões que estão prometidos para que estes enfrentem a crise climática.

Também surge um ponto de tensão da agenda de adaptação dos países em desenvolvimento, que estão colocando essa conta na mesa. “Foi muito simbólica a imagem de Tuvalu fazendo pronunciamento de dentro da água”, afirmou, referindo-se ao pronunciamento feito pelo ministro da Justiça, Comunicação e Relações Exteriores do país, Simon Kofe.

Para Ana, um dos pontos mais importantes das negociações nesta COP é o debate em torno do Artigo 13º, que trata de transparência, monitoramento e metodologia. “É com ele que vamos manter a integridade do Acordo de Paris. Estamos monitorando as negociações em torno do Artigo 6º, mas é no Artigo 13º que estamos colocando bastante esforço”.

O Brasil nas negociações oficiais

As debatedoras afirmaram que parece haver uma tentativa do Brasil de melhorar sua imagem, ao aderir a acordos internacionais como a Declaração para Florestas e o Acordo Global do Metano. A revisão das metas climáticas brasileiras, anunciadas na semana passada, ainda que seja motivo de muitos questionamentos, também indica uma tentativa de melhorar a posição do país nas negociações. Porém, há um caminho a percorrer para que o Brasil recupere a confiança internacional, o que leva tempo, afirmou Izabella.

Como será a próxima COP, no Egito

Para as debatedoras, temas como uso da terra e segurança alimentar vieram para ficar e serão levados também à próxima COP, que acontecerá no Egito, em 2022. “Será uma COP na África, e estou vendo os movimentos quilombolas se preparando para lembrar que o Brasil é o país que mais tem descendentes africanos fora daquele continente”, afirmou Ana.

Temas como justiça climática, exclusão, desigualdade, deverão ser abordados com mais força. “Tudo isso tem a ver com um novo modelo de desenvolvimento, que traz a relação do bem-estar da sociedade com a natureza”, afirmou Ana.

Samela também destacou a importância das questões sociais no debate ambiental. “Estamos aqui para descolonizar o sistema, com indígenas, ribeirinhos, quilombolas e comunidades periféricas. Ter espaços de discussão é importante, e acredito que isso está sendo construído nesta COP.”

O evento, que foi transmitido ao vivo pelo canal do feito do CEBRI, está disponível no link: [Plenária Mensal da Uma Concertação pela Amazônia: ao vivo da COP26](#)



Sobre a iniciativa Uma Concertação pela Amazônia

É uma rede de pessoas, entidades e empresas formada para buscar soluções para a conservação e o desenvolvimento sustentável da Amazônia. Hoje, reúne mais de 400 lideranças engajadas em criar um espaço democrático onde as dezenas de iniciativas em defesa da Amazônia se encontrem, dialoguem, aumentem o impacto de suas ações e gerem novas ações em prol da floresta e das populações que vivem na região.

Contatos para a imprensa

Pecan Comunicação

Cátia Luz - (11) 98281 3210

catia@pecancom.com.br

Patrícia Cançado - (11) 95344 0048

patricia@pecancom.com.br